

O Segredo de Casimiro

Por Érika Focke

<http://osegredo.erikafocke.com.br>

Capítulo II

Um passeio incrível

Já faz algum tempo que escrevi sobre meu encontro com o Gato Zorro. Você deve estar se perguntando nesse momento por que eu inventaria uma história maluca daquelas. Tudo bem, eu já esperava por essa reação, mas algo me diz que você vai mudar de idéia muito em breve.

Aquele encontro foi apenas o começo.

xXx

Algumas semanas depois, já em Belo Horizonte, eu me sentia muito preocupado. Inquieto seria a palavra ideal – uma sensação com a qual não estava acostumado. Sempre fui um homem muito simples, me sentia tranqüilo na vida que levava. Entretanto, aquele acontecimento das férias tinha mexido bastante com minha pessoa.

Eu estava com meus quarenta e poucos anos, trabalhava em uma repartição pública, e minha esposa era professora. Tínhamos uma vida regrada, sem luxos, mas vivíamos tranqüilos, salvo uma conta extra aqui ou ali que nos tirava do orçamento. Mas eu comecei a me sentir inquieto com aquela situação. Comecei a sentir que eu poderia ser mais, me realizar mais, fazer as coisas que gosto. E quem, em nome de Deus, não gostaria? Isso é absolutamente normal. Porém, a cada vez que um desejo assim me tomava, eu me sentia impotente e via isso como algo muito distante, talvez quando me aposentasse, mas quem sabe como a vida estará até lá...

Eu procurava me lembrar das palavras do Gato Zorro. Pensava muito sobre o comodismo que somos acostumados a viver, o medo de perdermos as coisas que possuímos. Quantas vezes eu já tinha pensado em abrir um negócio próprio, sair da repartição, mas não tive coragem? Foram muitas. Também, minha mulher não concordou. Medo. Conformismo. E eu realmente não gostava do que fazia.

Um dia, acordei um pouco adoentado, e resolvi ficar em casa. Avisei por telefone que não iria trabalhar, e continuei deitado. Minha mulher foi trabalhar, meus filhos foram para a escola, e fiquei em casa sozinho.

Em um dado momento, naquele derradeiro minutinho antes do cochilo se firmar, ouvi uma voz ao longe, uma voz conhecida, mas como estava entre o sono e a vigília, não tinha a reconhecido ainda. A voz disse:

- Acorda, dorminhoco. Nós vamos passear.

Quando fui voltando a mim, reconheci rapidamente aquela voz. Era Zorro, o gato.

- Zorro?!? Cadê você?

- Aqui, meu jovem. Na janela.

Era ele mesmo. Estava deitado no parapeito da janela, lambendo uma das patas.

- Tem umas coisas bacanas pra conversarmos.

Eu estava impressionado, mas dessa vez fiquei muito feliz ao vê-lo, pois já estava acostumado à idéia do gato que fala.

- Que ótimo você ter aparecido!

- Sim. Como tem passado? – perguntou ele.

- Inquieto. Não sei bem o que é.
- Ah, mas eu sei. Vamos ver... O que você quer?
- Hum, como assim?
- Sim, o que você quer na sua vida atualmente? O que lhe falta?

Pensei um pouco mas não soube o que dizer.

- Não sei... tenho tudo que uma pessoa pode querer...

- Vamos, não se acanhe! Todo mundo quer alguma coisa. Não tenha vergonha de desejar, não se sinta culpado!

- Bem... eu gostaria...

- Espera – disse ele, me interrompendo – Vamos começar mudando essa palavra? “Eu gostaria” não deveria ser usado. Se você quer, então diga “Eu quero”.

- Tudo bem... Eu quero me sentir mais realizado, fazer coisas que gosto. Estou fazendo muitas coisas apenas por obrigação. Não me sinto feliz no trabalho, não estou realizado... Invejo as pessoas que dizem que fazem o que gostam. Eu não conheço isso. Gostaria de oferecer mais conforto para minha família e para mim mesmo. Mas eu me sinto um pouco envergonhado de falar isso.

- É de se esperar! Primeiro, não pense que eu sou o gênio da lâmpada, não sou em quem vai trazer essas coisas pra você. E voltando ao assunto... É normal que você se sinta envergonhado, pois foi criado para se sentir assim, e para se contentar com pouco. Isso é uma condição natural das pessoas, e, no fim das contas, elas não terão mais do que o pouco que se condicionaram a ter.

- Você quer dizer que não posso ter mais do que tenho hoje? Isso é destino?

- Não disse isso. Disse apenas que quanto mais você se contentar com pouco, mais “pouco” você continuará a ter.

- Então devo não me contentar, me revoltar?

- Também não disse isso. Bom, vamos por partes! Estamos na fase inicial da maior descoberta que você vai fazer. Você vai conhecer a Lei da Atração.

- E o que vem a ser isso?

- É uma coisa muito simples. É a lei primordial do Universo. Você é o que você pensa e vibra.

- Não estou entendendo.

- Calma! Você vai entender logo. É simples: tudo que é atraído para sua vida, foi você mesmo quem atraiu. Tudo com seus pensamentos e emoções – ou seja – a sua vibração. Igualzinho a um rádio. Você sintoniza em uma frequência, e pimba: “Yellow Submarine, Yellow Submarine”. Você sintoniza em outra frequência, e lá está: “Numa folha qualquer, eu desenho um sol amarelo...”. Então, está tudo no ar, mas você sintonizou em uma coisa específica, e teve o resultado específico daquela sintonia. Resumindo, sua vida é o resultado do que você atraiu – você é o que você pensa.

- Mas não pode ser tão simples assim...

- Vocês humanos é que complicam. É simples, desse jeitinho mesmo, mas infelizmente vocês agregam uma série de comportamentos prejudiciais a si próprios – vícios comportamentais, maus hábitos, maus costumes – vibrações negativas que funcionam como barreiras para o que querem atrair de bom. Mas calma – estamos apenas começando. Você vai entender isso melhor, e vai perceber a magia de estar vivo.

- Espero que sim – respondi, ainda sem acreditar muito naquilo tudo.

Zorro então pulou para dentro do quarto, e subiu na cama, onde eu estava sentado. Falou:

- Feche os olhos e concentre-se. Nós vamos dar uma voltinha.

Sentindo um certo torpor, fechei meus olhos e relaxei. Não foi difícil, imagino que ele ajudou de alguma maneira. Mas de repente senti uma grande agitação ao meu redor, e abri os olhos. Eu não estava mais no meu quarto.

Eu me sentia muito pequeno, muito diferente, olhava as coisas ao redor, que pareciam enormes. Era muito estranho. Vi em minha frente uma árvore imensa, e ao lado um pequeno córrego, do qual me aproximei.

Levei um grande susto ao me ver no reflexo da água – eu não era eu. Quer dizer, era, mas fisicamente não me parecia mais com o velho Casimiro – agora eu era o próprio gato Zorro. Sim, um gato, eu tinha a forma de um gato!

Ao meu lado, aproximou-se um homem, com uma túnica amarela, acariciou minha cabeça, e falou:

- Nirodha, você é a perfeição da vida.

Fiquei ainda alguns momentos tentando entender o que estava acontecendo, que lugar era aquele.

Logo chegaram outros homens vestidos de forma semelhante àquele lugar, e o que havia chegado primeiro falou:

- *Irmãos! Aquilo que somos hoje provém dos nossos pensamentos de ontem, e os pensamentos atuais constroem nossa vida de amanhã: nossa vida é a criação de nossa mente. Se um homem fala ou age com mente impura, o sofrimento o segue como a roda do carro segue a besta que o puxa.*

De repente eu estava de volta ao quarto. Não entendi muito bem o que se passou. Só sabia que tinha sido real, era muito vívido.

- Gostou do passeio? Supimpa, não?

- Sim, gostei, mas ainda não entendi o que aconteceu.

- Você vivenciou um momento meu no passado.

- Você estava lá? E onde foi isso?

- Melhor perguntar: Que texto era aquele? Pois, aquela linda citação foi feita por Buddha, e hoje faz parte dos ensinamentos do Dhammapada – livro escrito por seus seguidores com uma compilação de seus ensinamentos.

- E você estava lá?

- Nós estávamos lá. Você acabou de estar lá – disse Zorro, sorrindo.

Eu ainda não acreditava muito bem naquilo, mas foi uma vivência tão impressionante que eu não poderia duvidar.

- Em breve você conseguirá fazer esses passeios sozinho. Mas ainda não é tempo. Isso foi apenas uma amostra grátis.

- Voltando ao nosso assunto primordial – continuou ele - você prestou atenção naquelas palavras, certo?

- Sim, claro!

- Então, guarde-as muito bem. Você é o que você pensa – e em breve você vai entender o que as emoções tem a ver com isso tudo. Por hoje é suficiente.

- Mas, já?

- Sim! E guarda mais essas palavras, que vêm da mesma origem – Buddha:

“Pode, durante a sua vida, o insensato viver ao lado do sábio, sem nunca conhecer o caminho da sabedoria, assim como a colher não conhece o sabor da sopa.

“Mas se o homem é vigilante e observador, estando somente um momento com o sábio, prontamente conhece o caminho da sabedoria, como a língua conhece o sabor da sopa”.

E, após essas palavras, retirou-se pela janela.

Resolvi anotar as palavras, e com elas refleti tremendamente. Ainda estava extremamente surpreso pela experiência passada, e não podia acreditar que estive em um momento do passado com o próprio Buddha. Mas também não podia duvidar. E ele me chamou por um nome, como era mesmo? Nirodha. Também anotei isso.

Estava maravilhado. Como nunca estive antes.